

BULLYING E VIOLÊNCIA ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

Fátima de Queiroz Cosmo Lopes¹; Flávio Alves da Silva²; Wilma Magaldi Henriques³

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: faticosmo@yahoo.com.br
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: flaviosilva@umc.br
3. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: wilmah@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia

Palavras-chave: *bullying*; violência escolar; intervenção; psicologia

INTRODUÇÃO

O ato de violência física, psicológica ou verbal que se dá de maneira intencional e repetitiva, causando danos ou sofrimento a uma pessoa ou grupo, chama-se *bullying*. Os agressores ameaçam e intimidam as vítimas. Nem sempre o indivíduo supera o trauma, vai depender muito de cada um, da sua relação com o ambiente social, a família e consigo mesmo (FANTE; PRUDENTE, 2015; FANTE, 2018). Esse fenômeno, que geralmente acontece nas escolas de forma silenciosa, exige a atenção e o cuidado do psicólogo escolar. Esse profissional não pode se prender à Psicologia Clínica, nem ficar identificando alunos com distúrbios de aprendizagem, mas analisar as múltiplas relações que ocorrem dentro da instituição escolar e os agentes envolvidos, além de levar em consideração a complexidade dos processos interativos, analisando a possibilidade de desenvolver novas alternativas para a solução de problemas e criar espaços de discussão (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

OBJETIVOS

Investigar e analisar as concepções de *bullying*, bem como as práticas de psicólogos escolares que atuam em escolas públicas e particulares no sentido de prevenir e intervir em situações de *bullying*; identificar as principais práticas psicológicas utilizadas para o atendimento às pessoas em situação de violência escolar e *bullying*; e identificar as principais dificuldades e entraves para a atuação do psicólogo na prevenção do *bullying*.

METODOLOGIA

O estudo tem como meta investigar e analisar as concepções de *bullying*, bem como as práticas de psicólogos escolares que atuam em escolas públicas e particulares no sentido de prevenir e intervir em situações de *bullying*. A metodologia contou com entrevistas abertas e gravadas de dez psicólogos escolares, que atuam em escolas ou secretarias de educação da região do Alto Tietê e de São Paulo. Foi feita a seguinte pergunta disparadora: Pode nos contar sobre sua experiência na prevenção do *bullying* e da violência escolar? Foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Nesse caso é uma pesquisa descritiva e exploratória, que se vale da História Oral de Vida (MEIHY, 1991) desses psicólogos. As entrevistas foram transcritas, textualizadas, transcriadas e cartografadas. Nesse processo contou-se com a palavra-chave relativa à questão da pesquisa. Na análise foram feitos os entrelaçamentos e recortes das falas dos depoentes com reflexões da pesquisadora e dos autores estudados, buscando-se o sentido acerca das questões que se desvelam em uma possível compreensão da atuação do psicólogo escolar que atua no cotidiano da escola prevenindo o *bullying* e a violência escolar.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A Psicologia Escolar vem ampliando sua atuação, enfrentando desafios e sentindo a necessidade do desenvolvimento de habilidades para atuar na educação. Contudo, ela se depara com uma escola despreparada, com ranço autoritário, fruto de nosso maldado legado dos anos de ditadura militar. A didática, os conteúdos e a relação entre o aluno e o professor não condizem com a realidade social em que esse discente está inserido. Predomina as normas estabelecidas pela escola e o governo, vigora a palavra do professor, a forma intelectual que distancia aluno e professor (LIBÂNEO, 1994). Neste contexto, a instituição escolar ainda não entende qual é o papel do psicólogo escolar, acabam adotando a máxima autoritária ‘manda quem pode, obedece quem tem juízo’, como explica P5, impõem regras a esse profissional e dizem como ele deve agir: *“A gente vai ficando muito no lugar de fazer escuta e apagar incêndio. A gestão não entende o nosso papel. [...] estão cristalizados ali, numa cultura que eles não têm [...] não há diálogo, uma gestão autoritária e centralizada. Isso vai dificultando o nosso trabalho [...]”* (P5). Conforme P1, *“O professor [...] já manda para o psicólogo, para o neurologista e isso se chama processo de medicalização. Medicalização [...] é prescrever ações em saúde [...]”*. Segundo P5, *“o profissional de Psicologia Escolar é invisível na instituição [...] pensando numa rede da Educação Pública é um cargo que não existe. Eu sempre brincava que a gente era funcionário fantasma, porque era como se não existisse.”* (P5). O aluno que não segue as normas impostas pela escola, tem um comportamento tachado de inadequado, dificuldade para aprender, falta de atenção, ou um outro ritmo que não o esperado pela escola, na maioria das vezes são encaminhados ao serviço médico, como se essa criança fosse doente (BENEDETTI *et al.*, 2018). Ela é responsabilizada por suas dificuldades na aprendizagem, a escola ignora a baixa qualidade de ensino, a falta de políticas públicas que atendam às necessidades da população. Para Patto (1999) é fundamental conhecer a realidade social dessas crianças, rompendo com as concepções tradicionais, e deixando de ignorar as relações entre subjetividade e estrutura social. O que se espera dos indivíduos é que eles não protestem, nem reivindicuem, colaborem com a ordem imposta, caso contrário são rotulados com alguma patologia. A Psicologia Escolar precisa romper com essas críticas e apresentar novas propostas de intervenção no campo educacional, principalmente no público. Conforme P5 e P9: *“[...] os próprios professores fazem brincadeiras [...] inadequadas. Os pais, [...] também reproduzem isso o tempo inteiro: –Ah! Né, estamos lidando agora com a geração “mimimi” dentro da escola, como um pai falou”* (P5). *“[...] os professores leem muito pouco sobre o bullying, muitos acham ainda que é “mimimi”, que se polarizou, e eu digo que em alguns momentos vejo exageros, mas o bullying é uma coisa real, que existe, e faz as pessoas sofrerem”* (P9). Muito antes da chamada ‘geração mimimi’ – referência a um certo exagero nas queixas que afligem a atual geração de adolescentes – o romancista Raul Pompéia na obra “O Ateneu”, nos faz viajar por entre os corredores de um internato, marcado pela saudade e sofrimento, um lugar frio, opressor e temerário. O desespero e o temor também assombraram a escola pública Raul Brasil em Suzano, São Paulo, assim como no Ateneu, num ambiente conflituoso e agressivo. Esse fenômeno de violência escolar já era conhecido de Sérgio, protagonista em O Ateneu. Para P1, o bullying é auspicioso, seu grande inimigo é o silêncio: *“[...] todo mundo silencia. Quer saber se uma escola tem muitos eventos intimidatórios? É só você perguntar para o diretor: – Na sua escola tem bullying? Ele vai dizer: – aqui não tem nada”* – explica (P1). Para Vygotsky (1989) são processos intrínsecos de aprendizagem e desenvolvimento, porque estão presentes em um mesmo contexto que são as relações sociais, portanto é fundamental que haja a interação entre os alunos, para que eles possam se desenvolver e também aprender com as suas experiências. Segundo P1, o papel do psicólogo escolar é fundamental na mediação dessas interações e orientações aos docentes e a comunidade escolar. Para o depoente: *“[...] o bullying é muito silencioso, a maioria dos educadores não vê. No entanto, ele é vivo, é perverso, produz grande sofrimento psicológico nas crianças, produz evasão escolar, fracasso escolar, é devastador na vida das crianças”* (P1). Já o cyberbullying é uma

agressão intencional e repetitiva, realizada nos meios eletrônicos, com um prazer em maltratar o outro (HINDUJA; PATCHIN, 2015); também ocorre nas redes sociais, o agressor intimida a vítima, com ironias, imagens, fofocas, entre outras. Fante (2018) comenta que os espectadores do *bullying* ficam rindo, incentivando, assistem, porém, ficam em silêncio com medo de serem o próximo alvo. Eles têm receio em falar, tanto para a família como para a comunidade escolar. P1 diz que *“é preciso abrir um espaço para que as crianças e os adolescentes possam falar sobre seus sofrimentos”*. Segundo P5 e P7: *“[...] a gente está falando de um momento histórico em que nossos adolescentes estão adoecidos [...] tem um sistema de Educação [...] sem saber o que fazer com o adoecimento dos nossos jovens, está vivendo um momento muito grave”*. (P5). *“Os alunos da escola que não têm oportunidade, não se sentem bem conversando durante a roda de conversa, vão para o plantão. É quando a gente identifica que está sofrendo bullying”* (P7). Muitos adolescentes e crianças passam por essas situações, prevenir o *bullying* e a violência escolar ainda é o melhor trabalho de intervenção e a atuação do psicólogo escolar contribui para isso. Os alunos que sofrem *bullying* podem apresentar sintomas como falta de concentração, desculpas por faltas às aulas, tonturas, cefaleias, entre outros, prejudicando suas atividades no dia a dia, além de sentir uma sensação de medo e ansiedade, que surge do nada (FANTE, 2018). O *bullying* causa danos ao psiquismo e interfere negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos. Uma depoente afirmou que ficava perdida, não sabia o que fazer diante de questões (racismo, gênero, fobia, entre outros) que precisavam ser trabalhadas, sentia uma impotência, porque é difícil realizar um trabalho de intervenção na escola, quando a instituição prioriza outras demandas e boicota o trabalho do psicólogo. *É isso o que eu falo, não quero nada de palestra, né. [...] Quero uma atividade que o sujeito seja ativo no processo [...] favoreçam a reflexão, um olhar mais crítico a respeito dessas interações que ocorrem dentro da instituição [...] muitas vezes prejudicam o desempenho* (P7). *“Os professores ficam muito atentos aos alunos agressivos e os alunos que são tímidos, são bonzinhos, então ninguém olha, mas são esses alunos que, às vezes, estão sofrendo”* (P9). A escola não deveria ser um local de violência, mas um ambiente de construção de valores, harmonia e integração, portanto o sofrimento enfrentado pelos alunos por causa desse fenômeno leva à evasão escolar, muitas vezes ao isolamento social ou suicídio. Nesse cenário, a vinda do psicólogo escolar pode prevenir e impedir que na escola, convocada a ser uma célula de cidadania e valores democráticos, surja a violência escolar em seu mais cruel formato, o *bullying*. Com uma gestão democrática é possível administrar os conflitos que aparecem na escola e contar com a participação da comunidade escolar, além disso, é fundamental refletir sobre os problemas causados por esse fenômeno (LIBÂNEO, 1994).

CONCLUSÕES

Os depoentes trouxeram dados e informações sobre o *bullying* e a violência escolar, além de intervenções realizadas pelo psicólogo escolar, principalmente em escolas particulares. Na revisão da literatura científica encontra-se poucos estudos sobre a atuação do psicólogo escolar na prevenção do *bullying* e da violência escolar e inexistente o registro de intervenções. A literatura é um caminho para que a escola possa trabalhar com esse material e ampliar o debate e os conhecimentos evitando a violência e as relações de poder que geram o *bullying*. A violência escolar acontece de diferentes maneiras conforme o contexto social, cultural e econômico dos sujeitos envolvidos, portanto é fundamental a prevenção dessa violência por meio da investigação, observação, intervindo de acordo com cada situação. O *bullying* tem características específicas que exigem muita atenção, é necessário analisar cada contexto, levando em conta as subjetividades dos envolvidos. Conforme o estudo nota-se que a comunidade escolar não precisa esperar o *bullying* ocorrer para reagir. A Psicologia Escolar pode contribuir para fortalecer as relações de confiança entre professor-aluno e aluno-aluno, proporcionando a manifestação das dificuldades e dos conflitos do cotidiano mediando-os para uma relação saudável. Os resultados não são generalizáveis, diante disso, sugere a realização de novos estudos, pois o tema é atual e de suma importância tanto para a área

educacional como para a sociedade. O poema Piedade, de Cruz e Souza, tenta despertar o humano dentro de cada cidadão: “O coração de todo o ser humano/Foi concebido para ter piedade,/Para olhar e sentir com caridade/Ficar mais doce o eterno desengano./Para da vida em cada rude oceano/Arrojar, através da imensidade,/Tábuas de salvação, de suavidade,/De consolo e de afeto soberano”.[...] (SOUZA, 1984).

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Mariana Dias *et al.* Medicalização e educação: análise de processos de atendimento em queixa escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 73-81, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v22n1/2175-3539-pee-22-01-73.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades Envolvidas na Atuação do Psicólogo Escolar/Educacional. *In*: WECHSLER, Solange Múglia (Org.). **Psicologia: Pesquisa, Formação e Prática**, Campinas: Alínea, 1996.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 8. ed. São Paulo: Verus, 2018.

FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti (org.). **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

HINDUJA, Sameer; PATCHIN, Justin W. **Bullying beyond the schoolyard**: preventing and responding to cyberbullying. 2 ed. Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 35, p. 167-198, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v13n35/v13n35a17.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

SOUZA, João da Cruz e. **Últimos Sonetos**. Rio de Janeiro: Editora da UFSC / Fundação Casa de Rui Barbosa / FCC, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho ao meu marido, companheiro de todas as horas, Irasson Lopes, sempre crítico e analítico dos meus argumentos. Também aos meus filhos, Laís, Bruno e Ingrid que sempre me incentivaram. Aos meus pais, que me deram força para continuar os estudos. Aos meus diletos, Flávio Alves da Silva, orientador, amigo, que me acolheu e foi muito paciente. À professora Wilma Magaldi Henriques, pelo carinho e orientações.